

Análise das identidades botafoguenses a partir das narrativas orais

Isabella Trindade Menezes

Mestre em Memória Social pela UNIRIO

Resumo: Este trabalho é parte constituinte da minha dissertação de mestrado no Programa de Pós- Graduação em Memória Social na UNIRIO e dos debates realizados no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS- UFF). O objetivo central da pesquisa foi analisar a construção de identidades de torcedores do clube “Botafogo Futebol e Regatas”. Para realização desse trabalho foram eleitos dois grupos, a torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo e o “movimento” Loucos pelo Botafogo, como estudos de caso das questões propostas acerca do futebol na atualidade e as representações existentes em dois grupos distintos. A questão norteadora da pesquisa é em que medida a modernização do futebol e a afirmação de uma matriz espetacularizada no Brasil possibilita o surgimento de novas formas de torcer, pautadas por um controle maior das emoções e com a inclusão de novas ferramentas nesse campo das torcidas.

Abstract: This text is part of my master's thesis in Programa de Pós-Graduação em Memória Social in Unirio and also part of discussions at the Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS-UFF). The central objective of the research was to analyze the construction of identities club's fans "Botafogo Futebol e Regatas." To do that, were elected two groups, the organized supporters of Fúria Jovem do Botafogo and the "movement" Loucos pelo Botafogo , as case studies of proposed questions about soccer and representations present in two distinct groups. The research's guiding question is how the modernization of football and the affirmation of a matrix of the spectacle in Brazil enables the emergence of new ways of twisting, with a greater control of emotions and with the inclusion of new tools in this field.

Este artigo é um desdobramento da dissertação de Mestrado defendida em 2011 no Programa de Memória Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e tem como objetivo discutir alguns pontos do pertencimento clubístico de torcedores do Botafogo Futebol e Regatas, um dos principais clubes do estado do Rio de Janeiro. Para tanto, utilizaremos os aspectos do “botafoguismo”, construção identitária dos torcedores do Botafogo e suas relações com dois grupos pesquisados durante o período de 2008 a 2009, a torcida organizada Fúria Jovem do Botafogo e o “movimento” Loucos pelo Botafogo.

O que é ser Botafogo? O Botafoguismo.

O Botafogo *Football Club* foi criado em 1904, fundado por rapazes habituados a jogar bola no Largo dos Leões, no Humaitá¹. São características reconhecidas do botafoguense o sofrimento, a superstição e a singularidade, presentes na estrela solitária, isolada de outros símbolos clubísticos.

Se fizermos uma análise acerca das construções identitárias que permeiam a história dos quatro grandes clubes cariocas, percebemos que as identidades se constroem em pares de oposição, nos quais o Flamengo ocupa um papel central no Rio de Janeiro. Sigamos os exemplos. O primeiro par oposto é a dupla Flamengo e Fluminense. A oposição se fundamenta na tradição do Fluminense, em sua ascendência nobre e no caráter elitista de seus torcedores, contrária ao apelo popular e simples do Flamengo. Se o primeiro é reconhecido pelo seu apelo aristocrático, o segundo tem como característica ser o time das massas, sem distinção social e, por isso, o time com a maior torcida, que agrega um número maior de torcedores. Outro par de opostos é o Flamengo e Vasco. Nesse caso, o primeiro representaria o brasileiro, o de casa, enquanto o Vasco representaria o estrangeiro e oportunista, o português.

E o Botafogo, quem seria seu par oposto? Não há, o Botafogo é a estrela solitária, não se contrapõe, nem se compara a ninguém. É o caso exemplar, sem precedentes. Se pensarmos que toda a identidade é construída na relação com o outro, a partir de sua negação ou aproximação, podemos entender melhor a alma do Botafogo, ao se distanciar, não elege nenhum adversário a sua altura, apenas se isola, em sua vivência diferente, não é o maior, nem o menor, nem o mais aristocrático, mais tradicional, é apenas o diferente, o que não se iguala, o qual possui uma maneira própria de ser, que imprime sua marca de destaque.

Mário Filho, famoso cronista esportivo, interpretou o torcedor do Botafogo como um sofredor nato, como quem, quando compra um ingresso, adquire o direito “que lhe parece sagrado e inalienável, de sofrer”, sentindo-se feliz e realizado “quando arranca os cabelos e chora lágrimas de esguicho.” (AUGUSTO, 2004:35) Que outro torcedor pode sentir prazer no sofrimento, no choro? É essa diferenciação que estamos tentando definir nessa seção, a singularidade como identidade partilhada e disputada entre as torcidas.

São vários os casos narrados que demonstram a singularidade e o azar do clube, tais como o reconhecimento do seu primeiro título só correu 89 anos depois; a venda do seu campo em 1911 por dívidas; a união de O Estrela Solitária (com atletas do clube de regatas) e o Glorioso (representado pelo Botafogo Futebol Clube), após a morte de um atleta em quadra; a adoção de um cachorro vira-lata como mascote, Biriba, em 1948; a mudança para Marechal Hermes em 1976; e por fim, o jejum de 21 anos sem títulos, finalizado em junho de 1989. Esses casos podem ser interpretados como “lugares de memória”, na medida em que são sempre revisitados, tanto por sua existência concreta, quanto pela carga simbólica de que são revestidos. Ou ainda, pelo fato de nos dirigirmos à memória herdada e à memória por tabela abordadas por Pollak (1992), já que esses fatos são formadores da identidade alvinegra e do que chamamos “botafoguismo”. É fato que essas histórias são contadas e recontadas ao longo da história do clube, permeada por diferentes apropriações e ainda pela existência de uma memória oficial. Por isso, é recorrente ouvirmos que “tudo acontece com o Botafogo”, indício indiscutível da construção identitária do Glorioso.

Um dos objetivos desse artigo é problematizar a identidade botafoguense, partindo da premissa de que há uma competição pelo status de torcida no interior de um grupo mais abrangente, que é a torcida do Botafogo. Porém, acreditamos na existência

de traços de uma identidade partilhada, que é valorizada pela memória, através de sua atualização no presente, ou seja, alguns traços extrapolam a representação de uma ou de outra torcida, representam o “ser botafoguense”, ao passo que outras representações são construídas visando a diferenciação dos torcedores.

Trabalho a partir da perspectiva de que a memória não é só pensamento e sim construção social, categorias em ação, demonstraremos as práticas torcedoras como matéria viva e determinada pela experiência, sendo resultado de si mesma. São representações coletivas que sofrem influência e agem influenciando ações coletivas no presente, uma memória sendo construída e disputada na atualidade, por dois grupos distintos e no interior desses. O que fica evidente a partir da análise das narrativas torcedoras, conforme veremos a seguir.

O que é ser Botafogo em uma torcida organizada? É a Fúria, Mané!!!²

A **Fúria Jovem do Botafogo** surgiu em 21 de junho de 2001³ de uma dissidência da **Torcida Jovem do Botafogo** e foi ganhando adeptos até se tornar a principal torcida do time, a que possui um número maior de torcedores. A descrição contida no sítio eletrônico da torcida relata esse processo de transformação, a partir do apontamento dos motivos que levaram à fundação de outra torcida e o abandono da TJB. É relatado que o **Botafogo** estava vivendo um mau momento e a torcida estava acomodada com os resultados obtidos, atitude que acabava resultando no afastamento dos estádios. Ao mesmo tempo, a **Fúria** chama para si a responsabilidade de protesto e negociação frente ao time, já que, em sua própria definição, esses são os papéis de uma torcida organizada.

(...) Sempre que isso aconteceu quem, literalmente, segurou a onda, e se manteve fiel ao time foram as torcidas organizadas. Também sempre coube a elas protestar e cobrar resultados e times compatíveis com a nossa grandeza. (Informações retiradas da comunidade do site de relacionamentos Orkut “Fúria Jovem do Botafogo”. Visitada em 10/01/2009.)

Um dos traços mais marcantes na construção das narrativas dos torcedores da Fúria é a violência. Embora negada, na maioria das vezes, foi parte constituinte das falas, às vezes como um lamento de um mal necessário “as coisas acabam acontecendo” e, às vezes, tratada como capital simbólico, quando os torcedores estavam entre iguais. Nestes momentos eram, então, narradas as brigas com a maior riqueza de detalhes e orgulho. Havia uma diferença entre o comportamento dos torcedores comigo e entre “eles”, já que era clara a inexistência de um constrangimento quando estavam entre “eles”, torcedores organizados, momento em que deixavam aflorar os sentidos masculinos construídos coletivamente. Em contrapartida às conversas comigo, enquanto mulher e pesquisadora, portanto, isenta desses códigos de masculinidade.

As torcidas organizadas⁴ são grupos socialmente reconhecidos como violentos, imagem, em boa parte reforçada pela mídia. Em parte, também são concebidos como grupos arruaceiros, que transitam entre a legalidade dos estádios e a ilegalidade de suas práticas, brigas, depredação, arrastões, venda de ingressos, entre outras. Por essas razões, são grupos fechados, nos quais a lógica de lealdade e da confiança é fato indiscutível, tendo em vista a realização e o envolvimento desses grupos com atividades ilícitas, inclusive enfrentamentos físicos.

Uma das lideranças entrevistadas construiu uma argumentação de que a torcida não é violenta e, principalmente, de que a violência não é uma finalidade para a existência do grupo, mas que ela pode acabar ocorrendo, mesmo sem querer: “A gente tenta ir na paz, sempre não tentar encontrar porque infelizmente quando encontra, não tem como segurar (...)”. Nessa fala a violência aparece como uma consequência do encontro e não como finalidade. Pode-se perceber que a própria negação da violência como finalidade é uma estratégia de legitimação das organizadas frente à sociedade.

Desde o primeiro contato com os torcedores desta organizada, pude perceber a existência dessa preocupação em outros membros da diretoria, como um dos funcionários da sede que afirmou que a “mídia só veicula a imagem das torcidas como baderneiras. Falou que a Fúria realizava trabalhos sociais, citou o exemplo de uma creche que a torcida havia entregado cestas básicas e que tal evento não havia sido noticiado”. (visita realizada em fevereiro de 2007, a sede situada à Rua Acre, no Centro do Rio de Janeiro)

Quando perguntado sobre as músicas de que mais gosta, o torcedor que negou a violência como finalidade, elege uma que faz referência explícita à violência:

Isabella: Mas qual que você gosta mais? Canta três para mim?

Guilherme: Ah, qual é a música?

I: Três, que você escolha.

Guilherme: Ah, cantar, eu não vou cantar, vou te lembrar qual é. Eu gosto a do... que é do Tribalistas: Já sei espancar, a Raça Rubro-negra... Essa eu gosto muito. (ETJB20070530)

O entrevistado elegeu uma versão da música dos Tribalistas que destaca os atributos de ser bom de briga “já sei espancar/ a raça rubro-negra não deu nem para começar/ a Young correu/ lá fora do “Maraca”, a Jovem Fla que se fudeu/ não tenho paciência para essa Força Flu/ torcida de veado que só dá o cu/ eu sou de ninguém/ eu sou da Fúria Jovem/ a torcida é nota cem (...)”. Essa letra apresenta os traços de pertencimento das torcidas organizadas: a subjugação de uma pela outra através da força e a negação do outro, o adversário, a partir da violência.

Ao longo da entrevista, o dirigente introduz o assunto violência na entrevista, construindo seu discurso em referência a essa matriz, mesmo quando não é perguntando sobre isso, ou seja, quem insere esse ponto na entrevista é o próprio entrevistado. Constantemente, há alinhamentos/ desalinhamentos dele em relação a esse ponto. Em enquadres mais institucionais, nos quais ele se posiciona discursivamente como um

líder, legitimador da torcida, ele se desalinha em relação a comportamentos/ atitudes violentas. Porém, em enquadres mais pessoais e conversacionais, ele se alinha como um dos que contribuem e participam ativamente de cenas violentas. O enquadre situa a mensagem contida em todo o enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos e como interpretamos a interação em curso. Goffman (2002) afirma que os participantes de um encontro estão permanentemente mudando ou mantendo os enquadres que organizam e orientam o discurso dos mesmos nas interações face-a-face.

Percebemos, então, que em seu discurso há um deslizamento em relação à violência, ora é tida como uma consequência, ora é exaltada pela música escolhida. A questão é que em ambos enquadres a violência é reconhecida como parte da realidade das organizadas. A relação das torcidas organizadas com a violência é reforçada por outra torcedora, que acompanha o filho no grupo. O seu principal enquadre projetado durante a entrevista foi a de mãe de torcedor organizado. Ao mesmo tempo em que não se sentia autorizada a falar sobre alguns assuntos e pedia auxílio ao filho⁵, narrava com detalhes os enfrentamentos, em referências claras à violência:

Isabella: Fala mais um pouco sobre essas rixas que você falou que existem entre as torcidas, que você falou, atualmente.

Fernanda: Ah, eu acho muito errado, sabia? Eu digo porque meu filho vive dentro dessa torcida e, se passar um cara do Botafogo e o outro for vascaíno, bateu só porque o cara está com a blusa do Botafogo, a torcida da Fúria já vai meter a pancada, e são pancada de ter morte, já teve morte dentro da Fúria, já é, acho que já vai para o quarto morto dentro da Fúria já. As brigas são muito feias e a Fúria agora é inimiguíssima do pessoal do Fluminense, antes era só do pessoal do, do, da Jovem do Flamengo, mas agora ela também arranjou, tem mais inimigo. Então, dia de jogo eu já chorei muito, porque sei que meu filho vai entrar na briga. Já parou um ônibus só ele e mais um rapaz para parar a torcida do Flamengo para a pancadaria comer. Basta estar com a blusa da Fúria, parece que ela chama para a briga. E também com a Young, eles já entraram, queimaram a sede da Young, também da torcida do Fluminense, mas é uma torcida que anda armada, com revólver, então eles já entram para bater, então, quem eles encontrar vão bater, vão dar porrada, vão dar tiro, eles vão fazer miserê. (...) Eles te batem até, se você cair no chão, tem um lema, se você ficar caída no chão, você, eles vão bicar tua cara. O ponto forte de cair no chão é bicar tua cara. E eles também na torcida, essa rixa deles, eles tem esse negócio de tomar a bandeira da outra torcida, que é para mostrar que eles são vitoriosos. Então eles queimam a bandeira que eles tomaram de você para todo mundo ver, eles roubam tuas camisas para mostrar que têm poder, é isso. (EFJB20070818)

No segmento transcrito, Fernanda descreve com detalhes práticas cotidianas da torcida da Fúria que evocam a violência, ressaltada pela seleção de verbos/ substantivos que explicitamente remetem a situações violentas: “bater”, “pancadaria” “correr”, “queimaram a sede”, “anda armada”, “dar porrada”, “dar tiro”. Aqui seu enquadre é como mãe “meu filho vive dentro dessa torcida”, o que a torna, por princípio, contrária às práticas violentas de torcida. Ainda neste enquadre alinha-se como mãe extremosa e preocupada “dia de jogo eu já chorei muito”, explicando a razão de seu sofrimento “porque sei que meu filho vai entrar na briga”. Ao usar repetidas vezes a terceira pessoa do plural, afasta-se discursivamente da posição de torcedora: “eles já entraram e queimaram a sede da Young”, “então eles já entram para bater”, “vão dar porrada”, “eles te batem até você cair no chão”. Neste segmento analisado, o enquadre assumido por Fernanda é de distanciamento das práticas da torcida, uma vez que alinha-se como observadora crítica, assumindo um olhar “estrangeiro”.

É interessante observar que sua narrativa sobre as práticas violentas é emoldurada pela avaliação negativa que antecede todo o segmento “Ah, eu acho muito errado, sabe?”. Portanto, o enquadre mãe orienta suas contribuições subsequentes e ecoa por toda a sequência, ao distanciar-se daqueles comportamentos.

Há um afastamento claro de Fernanda da torcida, tanto que relata o sofrimento de mãe em meio a esse universo: “Então, dia de jogo eu já chorei muito, porque sei que meu filho vai entrar na briga”. Nesses turnos de fala, a entrevistada se coloca no enquadre mãe de torcedor e se alinha negativamente em relação à torcida, pela existência da violência em suas práticas e, principalmente, porque colocam o filho em situações de risco: “porque meu filho vive dentro dessa torcida”/ “Já parou um ônibus só ele e mais um rapaz para parar a torcida do Flamengo para a pancadaria comer” .

Fernanda demonstra domínio do esquema de conhecimento das rotinas do grupo, ao mesmo tempo em que se desalinha de ações associadas a essas práticas.

Os torcedores entrevistados deste grupo partiram da violência como referência, mesmo que fosse pela sua negação. Portanto, é importante apontar que a violência é um dos principais traços identitários da torcida organizada aqui analisada. Essas narrativas devem ser entendidas segundo Mishler (2002), ou seja, como um espaço destinado aos indivíduos para a reinterpretação e reelaboração dos significados de eventos passados. A partir dessa perspectiva, os significados dos eventos e das experiências estão sempre sendo reenquadrados dentro do contexto de nossas vidas em curso. O ato de narrativizar ressignifica eventos em termos de suas consequências – de como a história se desenvolve e termina e não do seu lugar temporal. Por isso, ocorrem deslizamentos e enquadres nas falas, de acordo com o resultado obtido - aceitação da sociedade, sofrimento de mãe ou orgulho do grupo ao qual pertence.

Mais do que saber como as coisas realmente são o que importa aqui é perceber as construções feitas e as estratégias traçadas para construí-las ou torná-las próximas de si. Porque desse modo temos acesso ao que importa para a pessoa, através das construções de si mesma e das situações que a envolvem, pela valorização de certos acontecimentos e não de outros, por seus alinhamentos frente às situações já vivenciadas. As histórias escolhidas para serem contadas não são neutras, na medida em que possuem traços importantes e, por isso, foram elas e não outras, as selecionadas. Ao propor um diálogo entre a História Oral e a Sociolinguística Interacional, temos em mente pensar essas interações, ou seja, analisar de que forma as ações e falas são pautadas por experiências e concepções de vida contidas nos discursos.

O que é ser Botafogo em um movimento, em um agrupamento de torcedores de alento? “Eu sou um louco e nada vai me abalar”⁶

O **Loucos pelo Botafogo** é um grupo que se denomina “movimento popular” e faz questão de se identificar como não sendo uma torcida organizada, sob o argumento de oposição à violência. Foi criado em 23 de fevereiro de 2006, com uma proposta de torcer pelo seu time acima de tudo, na derrota ou na vitória, características de uma torcida de alento, conforme descrição da comunidade no Orkut “Loucos pelo Botafogo⁷”:

Os **loucos** notabilizam-se por não parar de cantar em nenhum momento dos jogos, a não ser para comemorar os gols do **Botafogo**. Não paramos nem quando o time leva gol, pois este é o momento em que ele mais precisa da nossa força. Todos os cânticos do movimento são voltados exclusivamente para o **Botafogo** de Futebol e Regatas, sem autorreferenciar o movimento ou mencionar outras torcidas.

No trecho acima, retirado do sítio de relacionamentos, o grupo ressalta a importância de uma participação contínua “por não parar de cantar em nenhum momento dos jogos”, argumento central de sua diferenciação. Outro ponto é utilizado como parâmetro de diferenciação, que é o fato de que todos os cânticos são voltados ao Botafogo e, não em autorreferência ao próprio grupo. Esse argumento é construído em oposição às torcidas organizadas.

Um grupo correspondente no caso brasileiro é a torcida Geral do Grêmio, movimento surgido em 2001 nas arquibancadas do Estádio Olímpico de Porto Alegre⁸, no qual os torcedores cantam o jogo inteiro, acenam bandeiras pequenas individuais e denominam as bandeiras de “trapos”, ressaltando a origem popular do grupo, já que a Geral é o local mais barato.

Ao abordar a temática da violência, não ocorre apenas a negação da violência física, mas também da violência simbólica. Xingamentos ao outro time, aos jogadores

do time adversário, aos jogadores do próprio Botafogo, caso apresentem um desempenho ruim, são reprimidos. Tais práticas não ocorrem no “movimento”. O que os torcedores fazem é incentivar o time o tempo todo, sem implicar ou xingar o adversário. Ideal refletido nas composições do agrupamento, com letras de músicas que exaltam a história do clube, desde os jogadores ídolos, aos campeonatos conquistados e a paixão clubística. Nas músicas entoadas pela Loucos pelo Botafogo, nem mesmo o juiz é xingado frente a erros de arbitragem.

Outra marca identitária é o amor excessivo pelo clube, o que é demonstrado até mesmo no nome do grupo, “Loucos pelo Botafogo” e reforçado nas narrativas de doação dos torcedores desse grupo. A respeito da denominação, Pierre Bourdieu (2007) afirma que os nomes constroem realidade social, tanto quanto a exprimem. Desta forma, a denominação “movimento” Loucos pelo Botafogo é uma estratégia de diferenciação do que é socialmente condenado e, conseqüentemente, de construção de sentido. Ao se distanciarem das torcidas organizadas como grupos violentos, reafirmam o senso comum. A partir de uma perspectiva relacional, o que está em jogo é o capital simbólico entre os torcedores, o reconhecimento do grupo pelo clube e por outras entidades do campo esportivo. Não só a questão do excesso está marcada no nome, como há a ainda a denominação “movimento” como marca diacrítica em relação às torcidas, tidas como arruaceiras e violentas.

Ao descrever a história da torcida, o torcedor concentra sua argumentação na diferenciação das torcidas organizadas, seja pelo desalinhamento com a violência ou pelo desalinhamento com práticas institucionalizadas, como no segmento seguinte:

Isabella: Entendi. E... me conta um pouco da História da sua torcida. Como que iniciou, quando...

Dênis: A Loucos pelo Botafogo, talvez eu num seja a pessoa mais correta pra te dizer isso, mas foi um grupo de pessoas que se juntaram, já se conheciam-

o “movimento” começou na zona sul- tem pessoas que vieram da TJB, um membro que era inclusive de uma torcida chamada *Copafogo*. Então, eles foram se juntando e começou a surgir essa “ideologia” e essas pessoas se juntaram e começaram a agregar outras pessoas em volta dela, com objetivo de criar novas músicas... Mas assim; foi um “movimento” que nasceu- pela história que eu pesquisei - foi um movimento que nasceu de uma forma natural e gradativa, acho que foi uma coisa até mais casual do que pensar que isso vai acontecer, entendeu? (ELPB20081206)

O torcedor inicia sua resposta utilizando a denominação “movimento”, não reiterando, portanto, meu uso do termo “torcida” na pergunta. Logo em seguida, projeta discursivamente um alinhamento de participante leigo ao afirmar que “talvez eu num seja a pessoa mais correta pra te dizer isso”. Dando prosseguimento a sua argumentação, o torcedor associa o surgimento do grupo à espontaneidade e ao desinteresse “com o objetivo de criar novas músicas” (...) “que nasceu de uma forma natural e gradativa”. Assim, em seu discurso, observamos um desalinhamento em relação às práticas institucionalizadas das torcidas organizadas, características presentes até mesmo na nomenclatura “organizada”. Em contrapartida aos torcedores organizados surgiu um grupo espontâneo, que ama o clube incondicionalmente, conforme afirmado no trecho seguinte, o torcedor fanático:

Isabella: O que você já foi capaz de fazer por amor ao Botafogo?

Dênis: Eu acho que eu posso citar esse ano... eu casei esse ano, né? E durante minha lua-de-mel, eu larguei minha esposa pra ir num Botafogo x Vasco no Maracanã... depois voltei! (ELPB20081206)

O torcedor afirma ter deixado a mulher na lua de mel, construindo um alinhamento de torcedor fanático, tanto que fugiu do comportamento socialmente esperado, o de homem recém casado. No próximo seguimento, observamos que seu discurso é preciso no sentido de explicar os fundamentos, ou melhor, o que eles chamam de “ideologia” da torcida, o modo de agir e sua meta principal, a diferenciação das torcidas organizadas:

Isabella: E como você se tornou torcedor agora da Loucos?

Dênis: Bom, eu comecei a tomar conhecimento da “ideologia” da Loucos pela internet, né? E no próprio Estádio eu comecei a ver aquele “movimento”, apesar de já estar afastado de qualquer “movimento” de

torcida- até porque conceito de torcida organizada hoje já não me apraz- e comecei a tomar conhecimento da “ideologia”... Eu sempre fui um admirador dessas torcidas argentinas, sabe?! Da forma como eles torcem, daquela “ideologia” de apoiar o time o tempo todo. E quando eu tomei conhecimento da Loucos, que tinha uma “ideologia” muito parecida, eu comecei a me aproximar. Mesmo sozinho, indo aos jogos ali no setor amarelo do maracanã, comecei a acompanhar... Mesmo porque foi me chegando, foi me chegando... Aí comecei a conhecer as pessoas daqui de Niterói; tenho a Loucos com muito carinho porque tem uma “ideologia” que num preza a violência, não prioriza briga nenhuma, é uma torcida que vem se tornando bem participativa até na vida política do Botafogo, conseguiu uma representatividade de uma forma diferenciada, não através da violência. E vem crescendo a cada dia, apesar de não ter um apoio popular, porque é um “movimento” que não prega a propaganda ao “movimento”, e sim, ao Botafogo. (ELPB20081206)

Dênis afirma ter tomado conhecimento do grupo pela internet primeiramente e, posteriormente, no estádio, já que não possuía interesse por torcidas organizadas. Ele usa a estrutura verbal “eu comecei a...” e a estrutura verbal de gerúndio (me chegando, vem se tornando, vem crescendo). Ambas sugerem o aspecto processual e progressivo da inserção dele na torcida, reforçando a naturalidade do processo, em contraste à institucionalização das organizadas.

É possível perceber, ainda, uma oscilação nas suas referências a torcida e às razões que o levaram a adesão a ela entre aspectos racionais (“tomar conhecimento”, “conceito de torcida organizada” “comecei e ver”), e aspectos afetivos (“muito carinho”, “admirador de torcidas argentinas”) definidas por Dênis como detentoras da ideologia de apoiar o time o tempo todo.

Seu discurso se alinha com as práticas das torcidas argentinas “Eu sempre fui um admirador dessas torcidas argentinas”, no qual se aproximou da torcida por sua similaridade às hinchadas: “Da forma como eles torcem, daquela “ideologia” de apoiar o time o tempo todo (...)”, em oposição às torcidas organizadas, que não possuem esse compromisso de somente apoiar o tempo todo, possuem um caráter contestador,

Objetivando o afastamento do lugar comum dos torcedores, ou seja, levando em consideração o esquema de conhecimento existente no campo, os loucos reivindicam uma identidade das torcidas argentinas, nesse caso, utilizadas como apoio simbólico:

Isabella: Você já foi de alguma torcida?

Adão: (...) Existe uma diferença entre “movimento” popular e torcida organizada: cada um tem seu jeito de torcer e pra mim, as duas estão certas. Pra mim, o jeito de torcer da Loucos eu acho melhor; a gente pegou o melhor do Barra Brava e jogou pro “movimento”, estilo popular, aqui no Brasil. Tem outras: no Sul, que lá que começou, aquela geral do Grêmio. Só eles pegaram a parte ruim da Barra Brava argentina e começaram a brigar, devido a integrantes da Torcida Jovem do Grêmio que entram... sabe como é que é lá no Sul, rola racismos aquele negócio..então a gente pegou o melhor do estilo argentino e também do brasileiro, que a gente também toca um pouco de samba. Então pegamos o melhor de cada coisa, pra fazer o movimento aqui no Rio. (ELPB20091006)

Alessandro Portelli utiliza a terminologia tempo mítico (1995; Pag. 59) para falar de um tempo que não é real, um tempo fora do tempo, uma ordem em suspensão. A tomada das características das *hinchadas* argentinas como ponto de partida para a construção de identidade da Loucos em sua sincronia, pode ser interpretada a partir desse tempo mítico de que fala o autor, por ser um apoio sem uma referência real. Essa aproximação existe porque foi realizada uma construção simbólica que não se mantém sozinha. Ao negar a existência de semelhanças com o que já é conhecido como torcedor no Rio de Janeiro, busca-se a afirmação de uma semelhança com algo que é interpretado de uma maneira própria que aproxima os dois grupos, de uma forma mítica no sentido de que não há referência real. O argumento que serve de apoio é a “ideologia” de apoiar o time o tempo todo, sem parar, “daquela ‘ideologia’ de apoiar o time o tempo todo”.

Nesse sentido, o torcedor seleciona a característica de identificação com o grupo, ao silenciar a questão da violência que também existe nas *hinchadas* argentinas. O entrevistado prefere se comparar ao traço de cantar e apoiar o time o tempo todo.

Ao reconstruir discursivamente essa oposição entre “movimento” e “torcidas argentinas”, outro aspecto é utilizado como traço diferenciador: a negação da violência,

como podemos observar nos trechos: “tem uma “ideologia” que não prega a violência, não prioriza briga nenhuma”. Segundo Dênis, a torcida é diferenciada por não ser violenta e por apoiar sempre o time, como ocorre com as torcidas argentinas. Esses são os fatores que possibilitaram o reconhecimento do grupo junto ao clube, por sua postura diferenciada. Nota-se que toda a argumentação construída pelo torcedor nesse segmento tem como objetivo a diferenciação das práticas de torcida mais conhecidas, as torcidas organizadas. Essa diferenciação é a garantia de reconhecimento e apoio do clube, mesmo que não seja pela ordem numérica, pelo número de adesões, mas por sua postura diferenciada: “o amor ao Botafogo”. Esse sentimento é também reforçado pela fala transcrita abaixo, de Adão:

Isabella: Então, como que você tomou conhecimento da torcida?

Adão: Como aqui de Niterói, num é que eu seja o líder. Eu sou...eu acompanho, eu sou o mais velho junto com um amigo meu. Quando a gente começou, o pessoal vai se espelhando em mim. Na Loucos num tem um presidente, um líder. Um cara pode chegar pra mim e dizer pra fazer uma coisa e “Não, vamos sim, pô.” Presidente, um líder é: “Eu falei e pronto”. O cara que ta na frente assim, ele ta aberto aos outros falarem pra ele. Chegou um cara novo e diz que é melhor daquele jeito? “Eu vou, claro.” O negócio de ter líder ou não é “Ah, vamos marcar um micro ônibus.”. é o cara mais efetivo, que tem agüentar os palavrões no ouvido...o líder é o cara que num quer dar ouvido pra nada; ele que manda. Hoje na Loucos tem comando, liderança, mas num é presidente. Muita gente fala que “Ah, presidente. Num tem nada a ver.” Loucos num tem presidente, como tem Fúria Jovem, é mais mesmo um comando de 7 ou 8 que mandam e tão ali vivendo a coisa todo dia... (ELPB20090106)

O argumento de diferenciação, nesse caso, se dá em duas vias: a primeira, em geral, diz respeito à diferenciação do “movimento” em relação à torcida “Na Loucos num tem um presidente, um líder”, como uma prática mais espontânea e doadora, em oposição aos “vícios” já socialmente conhecidos das torcidas organizadas: “Loucos num tem presidente, como tem Fúria Jovem”.

Já a segunda via, é construída a partir do alinhamento com os eventuais cargos ou suas ausências, já que, ao descrever a torcida, o torcedor enfatiza a inexistência de

cargos e interesses por trás da filiação ao grupo “Ah, presidente. Num tem nada a ver” / “é mais mesmo um comando de 7 ou 8 que mandam”. A estratégia narrativa do entrevistado é negar a existência de um cargo oficial para construir seu argumento de que o “movimento” é diferente e, assim, possui uma “ideologia” própria que não está alinhada com as práticas sociais das torcidas organizadas e é um “movimento” natural, sem institucionalização. Dessa forma, assume o enquadre de liderança e rejeita a terminologia “presidente”, substituindo-a pelo “comando” coletivo de 7 a 8.

Simultaneamente à narrativa da diferença e do surgimento da torcida, o torcedor enfatiza seu lugar de líder do movimento, como um lugar ocupado quase que espontaneamente, já que o “movimento” não possui uma direção, cada um faz seu papel. Seu lugar na direção é justificado pela idade “eu sou o mais velho junto com um amigo meu. Quando a gente começou, o pessoal vai se espelhando em mim (...)”.

Algumas considerações acerca das transformações no *habitus* torcedor

Quando chegamos a um estádio de futebol notamos na arquibancada, de qualquer que seja o time, uma divisão espacial entre os diferentes grupos que ali estão. Esta organização dos torcedores não tem nada de natural, ela é produzida, apropriada e reapropriada em práticas quotidianas das torcidas. Ou seja, os indivíduos se agrupam de acordo com concepções e sentidos de pertencimento relacionados ao que significa ser torcedor.

Sob um primeiro olhar, todos os torcedores dentro do estádio são semelhantes, porém, após uma análise mais atenta, é possível observar algumas diferenças nos símbolos apropriados por cada um, as camisas, bandeiras, tipos de música, letras e ritmo, ou seja, formas de agrupamento que são pistas que ancoram uma investigação desses grupos. Analisar práticas e ideais de pertencimento são estratégias para

identificar como se dá a construção de identidade nesses grupos de torcedores e, investigar em que medida o processo de modernização e espetacularização do futebol possibilita ou estimula mudanças na forma de torcer. Nesse trabalho foi possível apontar algumas narrativas a respeito da construção da identidade dos grupos.

Pertencer a um time não representa uma simples escolha; representa a adoção de determinado estilo de vida, de uma vivência em conjunto com outros torcedores que compartilham essa paixão pelo objeto adorado, é uma vivência em comum, um amor compartilhado. E os dois grupos estudados vivenciam esse pertencimento a partir de seu sentido de pertencimento no grupo e não só como torcedores do Botafogo, em geral.

Os argumentos de identificação do “movimento” e da torcida organizada apresentados pelos torcedores constroem caminhos distintos, que chegam a um ponto comum, o pertencimento clubístico, ser torcedor do Botafogo. Cada grupo constrói seus enquadres a partir de diferentes alinhamentos, que estão permeados por dois alinhamentos principais, a emoção à flor da pele, no caso da Fúria, seja em enfrentamentos físicos, seja na vivência do próprio jogo nas arquibancadas, nos laços afetivos redimensionados nas arquibancadas ou na relação com os jogadores. O outro alinhamento diz respeito aos Loucos, a partir de uma vivência controlada de torcer, marcada pela continuidade e moderação. Seus argumentos são racionalizados; a escolha do grupo passa por seu destaque nos estádios, por um ideal modernizante do futebol ou ainda pela negação de todas as práticas das organizadas, principalmente suas ações institucionalizadas.

Levar em consideração a espetacularização (DAMO, 2007) do futebol na atualidade significa considerar a comercialização desse espetáculo para um grupo de torcedores simultaneamente à sua produção. O torcedor, ao abrir faixas e bandeiras, entoar cantos de diversas formas, está intervindo na construção do espetáculo, não é

mero torcedor passivo, mas sujeito social de sua produção. E, simultaneamente a essa paixão levada a cabo pelo time, forma-se um mercado consumidor de produtos do time e dos jogos, um sistema de relações, no qual o sentido de ser botafoguense é o que os impulsiona. Daí a necessidade da abordagem da dinâmica do clubismo (DAMO, 2007) na formação de um mercado consumidor de futebol como espetáculo e dos produtos esportivos derivados do clube.

A adoção de um comportamento pacífico e de uma postura de colaboradores do espetáculo foram características fundamentais para a visibilidade e estímulo desses grupos em escala nacional, visto que há um claro e amplo apoio dos meios de comunicação a esses tipos de ações. Essas torcidas são retratadas como a materialização de paz no futebol e a volta da família aos estádios. Podemos identificar esse tipo de comportamento como parte de uma mudança das torcidas. O estímulo da mídia, por exemplo, ajudou bastante nessa construção. Marshall Salhins (2003:75) fala de um domínio inconsciente da vida dos havaianos, na medida em que a estrutura social é assimilada sem ser regulada, mas regulando a vida.

O mesmo ocorre nesse caso, pois as estruturas são incorporadas, ou seja, a modernização de outros setores do futebol, como por exemplo, a adoção de paradigmas de gestão dos clubes racionalizados, atrelado a uma mercantilização crescente desse esporte, provoca a mudança no enfoque do público, que passa a ser relacionado a um mercado consumidor em potencial no campo esportivo. É um efeito em cadeia, já que, mesmo que inconscientemente, o comportamento dos torcedores tende a corresponder a esse estímulo, parte de um processo global, gerenciado pela FIFA. Esse efeito pode ser relacionado principalmente à valorização da imprensa esportiva.

Nesse sentido, a violência presente nas torcidas organizadas foi tomada como base de argumento para o controle dos torcedores e a necessidade de um novo modelo

comportamental, aqui concretizado pelo surgimento dos “movimentos” ou torcidas de alento.

Referências bibliográficas

- AUGUSTO, Sérgio. *Botafogo: entre o céu e o inferno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas ditas**. São Paulo, Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2007.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. São Paulo, *Perspectiva* (online). vol. 15, n. 3. PP. 82- 91, 2001.
- _____. *Do dom à profissão: A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.
- _____. *Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre/ UFRGS: Ed. Universidade.
- GOFFMAN, E. “Footing” Em B. T. Ribeiro e P. Garcez (orgs.), *Sociolinguística Interacional. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do discurso*. São Paulo: Loyola, 107-148, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Os circuitos dos jovens urbanos”. *Tempo Social: Revista de sociologia da USP*, v. 17, n.2. 2005
- MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS L. C. *Identidades – recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 97 - 119, 2002.
- PORTELLI, Alessandro. *The death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and meaning in Oral History*. State University of New York Press: Albany, 1991.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992.
- SAHLINS, Marshall David. Outras Épocas, Outros Costumes: A antropologia da História. In: *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- TEIXEIRA, Rosana Câmara. “Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização”. *Esporte e Sociedade*. Mai2006/Jun2006. Nº2.
- _____. *Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas*.

São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luis Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: J.G. Magnani e L.L. Torres (orgs.). *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP: 124-155.

_____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996.

Notas

¹ Bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Geograficamente próximo ao bairro de Botafogo.

² Parte de um dos cantos da torcida Fúria Jovem do Botafogo.

³ Informações retiradas da comunidade do site de relacionamentos Orkut “Fúria Jovem do Botafogo”. Visitada em 10/01/2009. Endereço: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=11836968>

⁴ Alguns trabalhos já abordaram a questão da violência e das torcidas organizadas: TEIXEIRA, Rosana Câmara. *Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003. TOLEDO, Luis Henrique. “Torcidas organizadas de futebol”. Campinas: Autores Associados/ ANPOCS, 1996.

⁵ O filho estava em casa, mas não participou diretamente da entrevista. Às vezes, Fernanda gritava alguma coisa perguntando a ele. E insistiu muito para que o entrevistado fosse ele e, não ela. Porém, seu filho não aceitou a proposta.

⁶ Trecho de música cantada pelos Loucos pelo Botafogo.

⁷ Comunidade visitada em 14/12/2008.

⁸ Informações retiradas da monografia de conclusão de curso de História da UFF, do ano de 2007, na qual são tratadas as características gerais da torcida e as condições que tornaram possível o surgimento de tal agremiação. Ver: RODRIGUES, Francisco. *Amizade, trago e alento: A torcida Geral do Grêmio e o surgimento de uma nova tradição nas arquibancadas do Estádio Olímpico*. UFF, 2007.

Informações sobre a autora

Isabella Trindade Menezes

Endereço: R Barão de Guaratiba, 75/205. Glória. Rio de Janeiro. CEP: 22211-150

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e atua como professora da rede privada de ensino.